



CÓD: SL-085AG-22
7908433226086

SME

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PETRÓPOLIS DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**

Comum a todas as áreas de Professor da
Educação Básica:

Ciências, Educação Artística, Educação Física, Ensino Religioso, Geografia, História,
Inglês, Matemática e Português

EDITAL N.º 001/2022

Língua Portuguesa

1. Compreensão e estruturação de textos.....	7
2. Coesão e coerência textual.	20
3. Semântica: sinônimos, antônimos, polissemia. Vocábulo homônimos e parônimos. Denotação e conotação. Sentido figurado.	21
4. Sistema ortográfico em vigor: emprego das letras	22
5. Acentuação gráfica.	24
6. Formação de palavras: prefixos e sufixos.	24
7. Flexão nominal de gênero e número. Flexão verbal: verbos regulares e irregulares. Vozes verbais. Emprego dos modos e tempos verbais. Emprego dos pronomes pessoais e das formas de tratamento. Emprego do pronome relativo. Emprego das conjunções e das preposições.	26
8. Sintaxe de colocação. Colocação pronominal.	31
9. Concordância nominal e verbal.	31
10. Regência nominal e verbal.	32
11. Emprego do acento da crase.	32
12. Nexos semânticos e sintáticos entre as orações, na construção do período.	33
13. Emprego dos sinais de pontuação.	35

Conhecimento Pedagógico

1. Aspectos Filosóficos da Educação – o pensamento pedagógico moderno: iluminista, positivista, socialista, escola novista, fenomenológico - existencialista, antiautoritário, crítico.	41
2. Tendências atuais: liberais e progressistas.	52
3. O pensamento pedagógico brasileiro: correntes e tendências na prática escolar.	53
4. Aspectos Sociológicos da Educação – as bases sociológicas da Educação, a Educação como processo social, as instituições sociais básicas, educação para o controle e para a transformação social, cultura e organização social, desigualdades sociais, a relação escola / família / comunidade. Educação e Sociedade no Brasil.	64
5. Aspectos Psicológicos da Educação – a relação desenvolvimento / aprendizagem: diferentes abordagens, a relação pensamento / linguagem – a formação de conceitos, crescimento e desenvolvimento: o biológico, o psicológico e o social. O desenvolvimento cognitivo e afetivo.	76
6. Aspectos do Cotidiano Escolar – a formação do professor; a avaliação como processo, a relação professor / aluno; a função social do ensino: os objetivos educacionais, os conteúdos de aprendizagem; as relações interativas em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos; a organização social da classe; os direitos da criança e do adolescente; a sala de aula e sua pluralidade.	89

História, Geografia, Turismo e Educação para o Trânsito de Petrópolis

1. Antecedentes históricos: as sesmarias no período colonial; os caminhos serra acima: as fazendas: córrego seco, itamarati, padre correira. A presença de d. Pedro i na região	133
2. A fundação de petrópolis, o major de engenheiros júlio frederico koeler e a povoação planejada; a vontade de d. Pedro ii; a dedicação de paulo barbosa da silva: o decreto imperial nº 155, de 16 de março de 1843	134
3. Evolução do povoado: a colonização germânica; povoadores de outras etnias; os serviços, o artesanato, o comércio e a indústria; formação administrativa e judiciária. A passagem de povoado à cidade em 1857. A criação da câmara municipal	135
4. Nos tempos imperiais; sede de verão do governo; evolução urbana e social; as estradas: ferroviária e de rodagem; a expansão industrial. D. Pedro ii, a princesa isabel e outras personalidades em petrópolis	136
5. Tempos de república: o exílio da família imperial. Os governadores e a cidade. A capital fluminense em petrópolis e a retomada, pelos presidentes, dos veraneios do imperador. Getúlio vargas e petrópolis: a fundação do museu imperial. Santos-dumont e “a encantada”	136
6. Evolução político-econômica: da câmara municipal à prefeitura: osvaldo cruz, o primeiro prefeito. A indústria têxtil: ápice e decréscimo. O hotel quitandinha, o complexo hoteleiro, os palacetes, a vida nos bairros. A ii guerra mundial e a presença dos pracinhas petropolitanos: honra e glória.	138
7. A cultura, as artes, o esporte, o pensamento: as agremiações culturais e esportivas, o cinema e o pioneirismo petropolitano; a imprensa, os monumentos; as personalidades em petrópolis e seus feitos: o barão do rio branco e o “trata do de petrópolis”; raul de leoni, o poeta; peter bryan medawar, o petropolitano “prêmio nobel de medicina”, antônio cardoso fontes, o cientista de manguinhos.	140
8. O turismo: bens turísticos naturais e históricos: a catedral de petrópolis e a capela imperial e seu significado; a mata atlântica que resiste; o traçado arquitetônico e a expansão do urbanismo na petrópolis de hoje. Os 5 distritos e a importância na economia e no turismo do município	142
9. Os bens arquitetônicos e sua utilização contemporânea: o palácio sérgio fadel, o palacete mauá, o fórum, a casa da princesa isabel, a casario da avenida koeler, o teatro municipal, os prédios escolares: universidade católica, colégios santa isabel e santa catarina; o	

ÍNDICE

- paço hermo gênio silva; o batalhão d. Pedro ii. O iphan (instituto do patrimônio histórico e artístico nacional) e sua missão de preservar e cuidar de todos os bens culturais, turismo: gastronomia, ecoturismo em petrópolis: trilhas e caminhadas ecológicas; cachoeiras e montanhismo; unidades de conservação; apa; turista e os tipos de turismo; um projeto urbanístico preocupado com o meio ambiente; problemas ambientais e ocupação desordenada; petrópolis e seu mercado turístico; pontos turísticos de petrópolis 144
10. Geografia de petrópolis: localização, altitude, clima, fauna, flora, população, principais acidentes geográficos: elevações, rios, avenidas e ruas no traçado da primeira cidade planejada do brasil 151
11. A evolução dos meios de transportes; bondes em petrópolis; ônibus e automóveis em petrópolis; regras de trânsito; os tipos de sinalização de trânsito; trânsito: de mulas e carroças para carros; principais normas de trânsito para pedestres; normas de comportamento e responsabilidade dos motoristas no trânsito; atenção ciclista; lei seca; trânsito: fiscalização eletrônica e velocidade; trânsito e cidadania: acessibilidade; acidentes de trânsito; transporte coletivo: atitudes para um trânsito mais humano; semana nacional de educação para o trânsito; problemas com o trânsito: congestionamento x transporte público 152

Legislação (Políticas de Educação Brasileira)

1. Lei nº 9.394/96 (lei de diretrizes e bases da educação nacional) e suas alterações 157
2. Estatuto da criança e do adolescente – eca – lei nº 8.069/90 174
3. Lei nº 13.146/2015 - lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência) 211
4. Leis nº 10.639/03 e 11.645/2008 – história e cultura afro-brasileira e indígena. 227
5. plano nacional de educação em direitos humanos – 2007 228
6. Parâmetros curriculares nacionais (pcn's): orientações didáticas, natureza, objetivos e conteúdos propostos. 228
7. Plano nacional de educação (lei nº 13.005/2014) 228
-

Opinião

A opinião é a avaliação que se faz de um fato considerando um juízo de valor. É um julgamento que tem como base a interpretação que fazemos do fato.

Nossas opiniões costumam ser avaliadas pelo grau de coerência que mantêm com a interpretação do fato. É uma interpretação do fato, ou seja, um modo particular de olhar o fato. Esta opinião pode alterar de pessoa para pessoa devido a fatores socioculturais.

Exemplos de opiniões que podem decorrer das interpretações anteriores:

A mãe foi viajar porque considerou importante estudar em outro país. Ela tomou uma decisão acertada.

A mãe foi viajar porque se preocupava mais com sua profissão do que com a filha. Ela foi egoísta.

Muitas vezes, a interpretação já traz implícita uma opinião.

Por exemplo, quando se mencionam com ênfase consequências negativas que podem advir de um fato, se enaltecem previsões positivas ou se faz um comentário irônico na interpretação, já estamos expressando nosso julgamento.

É muito importante saber a diferença entre o fato e opinião, principalmente quando debatemos um tema polêmico ou quando analisamos um texto dissertativo.

Exemplo:

A mãe viajou e deixou a filha só. Nem deve estar se importando com o sofrimento da filha.

ESTRUTURAÇÃO DO TEXTO E DOS PARÁGRAFOS

Uma boa redação é dividida em ideias relacionadas entre si ajustadas a uma ideia central que norteia todo o pensamento do texto. Um dos maiores problemas nas redações é estruturar as ideias para fazer com que o leitor entenda o que foi dito no texto. Fazer uma estrutura no texto para poder guiar o seu pensamento e o do leitor.

Parágrafo

O parágrafo organizado em torno de uma ideia-núcleo, que é desenvolvida por ideias secundárias. O parágrafo pode ser formado por uma ou mais frases, sendo seu tamanho variável. No texto dissertativo-argumentativo, os parágrafos devem estar todos relacionados com a tese ou ideia principal do texto, geralmente apresentada na introdução.

Embora existam diferentes formas de organização de parágrafos, os textos dissertativo-argumentativos e alguns gêneros jornalísticos apresentam uma estrutura-padrão. Essa estrutura consiste em três partes: a ideia-núcleo, as ideias secundárias (que desenvolvem a ideia-núcleo) e a conclusão (que reafirma a ideia-básica). Em parágrafos curtos, é raro haver conclusão.

Introdução: faz uma rápida apresentação do assunto e já traz uma ideia da sua posição no texto, é normalmente aqui que você irá identificar qual o problema do texto, o porque ele está sendo escrito. Normalmente o tema e o problema são dados pela própria prova.

Desenvolvimento: elabora melhor o tema com argumentos e ideias que apoiem o seu posicionamento sobre o assunto. É possível usar argumentos de várias formas, desde dados estatísticos até citações de pessoas que tenham autoridade no assunto.

Conclusão: faz uma retomada breve de tudo que foi abordado e conclui o texto. Esta última parte pode ser feita de várias maneiras diferentes, é possível deixar o assunto ainda aberto criando uma pergunta reflexiva, ou concluir o assunto com as suas próprias conclusões a partir das ideias e argumentos do desenvolvimento.

Outro aspecto que merece especial atenção são os conectores. São responsáveis pela coesão do texto e tornam a leitura mais fluente, visando estabelecer um encadeamento lógico entre as ideias e servem de ligação entre o parágrafo, ou no interior do período, e o tópico que o antecede.

Saber usá-los com precisão, tanto no interior da frase, quanto ao passar de um enunciado para outro, é uma exigência também para a clareza do texto.

Sem os conectores (pronomes relativos, conjunções, advérbios, preposições, palavras denotativas) as ideias não fluem, muitas vezes o pensamento não se completa, e o texto torna-se obscuro, sem coerência.

Esta estrutura é uma das mais utilizadas em textos argumentativos, e por conta disso é mais fácil para os leitores.

Existem diversas formas de se estruturar cada etapa dessa estrutura de texto, entretanto, apenas segui-la já leva ao pensamento mais direto.

NÍVEIS DE LINGUAGEM**Definição de linguagem**

Linguagem é qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc. A linguagem é individual e flexível e varia dependendo da idade, cultura, posição social, profissão etc. A maneira de articular as palavras, organizá-las na frase, no texto, determina nossa linguagem, nosso estilo (forma de expressão pessoal).

As inovações linguísticas, criadas pelo falante, provocam, com o decorrer do tempo, mudanças na estrutura da língua, que só as incorpora muito lentamente, depois de aceitas por todo o grupo social. Muitas novidades criadas na linguagem não vingam na língua e caem em desuso.

Língua escrita e língua falada

A língua escrita não é a simples reprodução gráfica da língua falada, por que os sinais gráficos não conseguem registrar grande parte dos elementos da fala, como o timbre da voz, a entonação, e ainda os gestos e a expressão facial. Na realidade a língua falada é mais descontraída, espontânea e informal, porque se manifesta na conversação diária, na sensibilidade e na liberdade de expressão do falante. Nessas situações informais, muitas regras determinadas pela língua padrão são quebradas em nome da naturalidade, da liberdade de expressão e da sensibilidade estilística do falante.

Linguagem popular e linguagem culta

Podem valer-se tanto da linguagem popular quanto da linguagem culta. Obviamente a linguagem popular é mais usada na fala, nas expressões orais cotidianas. Porém, nada impede que ela esteja presente em poesias (o Movimento Modernista Brasileiro procurou valorizar a linguagem popular), contos, crônicas e romances em que o diálogo é usado para representar a língua falada.

Linguagem Popular ou Coloquial

Usada espontânea e fluentemente pelo povo. Mostra-se quase sempre rebelde à norma gramatical e é carregada de vícios de linguagem (solecismo – erros de regência e concordância; barbarismo – erros de pronúncia, grafia e flexão; ambiguidade; cacofonia; pleonismo), expressões vulgares, gírias e preferência pela coordenação, que ressalta o caráter oral e popular da língua. A linguagem popular está presente nas conversas familiares ou entre amigos, anedotas, irradiação de esportes, programas de TV e auditório, novelas, na expressão dos estados emocionais etc.

A Linguagem Culta ou Padrão

É a ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências em que se apresenta com terminologia especial. É usada pelas pessoas instruídas das diferentes classes sociais e caracteriza-se pela obediência às normas gramaticais. Mais comumente usada na linguagem escrita e literária, reflete prestígio social e cultural. É mais artificial, mais estável, menos sujeita a variações. Está presente nas aulas, conferências, sermões, discursos políticos, comunicações científicas, noticiários de TV, programas culturais etc.

Gíria

A gíria relaciona-se ao cotidiano de certos grupos sociais como arma de defesa contra as classes dominantes. Esses grupos utilizam a gíria como meio de expressão do cotidiano, para que as mensagens sejam decodificadas apenas por eles mesmos.

Assim a gíria é criada por determinados grupos que divulgam o palavreado para outros grupos até chegar à mídia. Os meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio, propagam os novos vocábulos, às vezes, também inventam alguns. A gíria pode acabar incorporada pela língua oficial, permanecer no vocabulário de pequenos grupos ou cair em desuso.

Ex.: “chutar o pau da barraca”, “viajar na maionese”, “galera”, “mina”, “tipo assim”.

Linguagem vulgar

Existe uma linguagem vulgar relacionada aos que têm pouco ou nenhum contato com centros civilizados. Na linguagem vulgar há estruturas com “**nóis vai, lá**”, “eu **di** um beijo”, “**Ponhei** sal na comida”.

Linguagem regional

Regionalismos são variações geográficas do uso da língua padrão, quanto às construções gramaticais e empregos de certas palavras e expressões. Há, no Brasil, por exemplo, os falares amazônico, nordestino, baiano, fluminense, mineiro, sulino.

Tipos e gêneros textuais

Os **tipos textuais** configuram-se como modelos fixos e abrangentes que objetivam a distinção e definição da estrutura, bem como aspectos linguísticos de narração, dissertação, descrição e explicação. Eles apresentam estrutura definida e tratam da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em provas: descritivo, injuntivo, expositivo (ou dissertativo-expositivo) dissertativo e narrativo. Vejamos alguns exemplos e as principais características de cada um deles.

Tipo textual descritivo

A descrição é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial.

Exemplo:

Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não tinha ali
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

TIPO TEXTUAL INJUNTIVO

A injunção indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto instrucional, o tipo de texto injuntivo é utilizado para prever acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom imperativo; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Marcas de interlocução: vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – Não podem alistar-se eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.

Tipo textual expositivo

A dissertação é o ato de apresentar ideias, desenvolver raciocínio, analisar contextos, dados e fatos, por meio de exposição, discussão, argumentação e defesa do que pensamos. A dissertação pode ser expositiva ou argumentativa.

A dissertação-expositiva é caracterizada por esclarecer um assunto de maneira atemporal, com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

Pensamento Pedagógico Positivismo

Comte foi o pai do Positivismo, corrente filosófica que busca explicar as leis do mundo social com critérios das ciências exatas e biológicas. Foi também o grande sistematizador da sociologia, dividindo a sociologia em duas áreas: a estática social e a dinâmica social.

“No entender de Comte, a sociedade apresenta duas leis fundamentais: a estática social e a dinâmica social. De acordo com a lei da estática social, o desenvolvimento só pode ocorrer se a sociedade se organizar de modo a evitar o caos, a confusão. Uma vez organizada, porém ela pode dar saltos qualitativos, e nisso consiste a dinâmica social. Essas duas leis são resumidas no lema ‘ordem e progresso’” (VASCONCELOS apud LAGAR et al., 2013, p. 18)

A defesa do Positivismo é de que somente o conhecimento científico é verdadeiro, não se admitindo como verdades as afirmações ligadas ao sobrenatural, à divindade. Relacionado ao último caso, Comte chegou a criar uma nova ordem espiritual, onde a divindade não seria venerada, somente a humanidade. A sua inspiração para originar essa nova ordem espiritual veio da disciplina e da hierarquia católica, mas, ao mesmo tempo, a sua concepção era totalmente dissociada de todas as religiões cristãs. Essa concepção nasceu do fato de ele considerar a humanidade como sendo uma entidade unitária, cuja por ele batizou-se de Grande Ser.

As suas observações o levaram a definir três estágios pelos quais a sociedade tende a passar: o teológico, o metafísico e o positivo ou científico. Estágio teológico é aquele onde as explicações aos fenômenos até então desconhecidos são atribuídas à divindade, ao sobrenatural. Metafísico é o estágio onde o ser humano procura explicar as coisas através de fenômenos naturais, ou seja, a natureza é autossuficiente para explicar as suas próprias manifestações. Já o Positivo ou Científico, é o estágio onde as explicações, as verdades absolutas, advêm exclusivamente da ciência.

Educação, Escola e Positivismo

Em relação à educação, a ciência positiva de Comte não atendia aos critérios hoje esperados pelos novos pensadores da educação, porém isso não a conduz ao pleno esquecimento, visto que muitos dos seus itens são necessários à concepção atual de sociedade, de indivíduo, de escola, de educação.

Apesar da ciência positiva prever a construção do comportamento altruísta, tendo como fundamento a fraternidade entre todos os homens, a gestão e melhorias das suas instituições se dariam, exclusivamente, pela classe da elite científica, o que caracterizava certo monopólio relativo ao poder de controlar o conhecimento que será transmitido através dessas instituições para os seres sociais.

Na *escola positivista* a disciplina é reconhecida como fundamental obrigação da educação. Os positivistas afirmam que a infância é uma fase marcada pelas soluções teológicas dos problemas e que somente com as inferências do ensino científico é que a maturidade do indivíduo será alcançada. Para isso, na escola positivista os estudos científicos terão plena prioridade sobre os estudos literários e a educação terá por objetivo principal promover o altruísmo e reprimir o egoísmo.

Com as contribuições de Comte e do seu pensamento empirista, que considerava apenas os fenômenos que podiam ser observados, batizando de anticientíficos aqueles que provinham dos processos mentais do observador, a educação passou por aflições, tanto dos métodos de ensino como do desempenho do aluno.

Não há como negar as contribuições de Comte para a educação, inclusive a que é realizada em dias atuais. Se vivemos numa sociedade marcada pela individualidade, pelo egoísmo, um modelo de escola e de educação que priorizassem o despertar do altruísmo

mo nos discentes, seria muito bem-vinda. Além do mais, apesar de recebermos pessoas fortemente ligadas à espiritualidade no seu sentido cristão, temos que convir que o espaço escolar é, acima de tudo, científico, o que também se encaixa nas acepções de Comte. A escola, positivista ou não, é o espaço ideal para questionamentos, reflexões, estudos profundos e, conseqüentemente, conclusões.⁴

Émile Durkheim (1858 – 1917, um dos principais expoentes na sociologia da educação, considerava a educação como imagem e reflexo da sociedade. A pedagogia seria uma teoria da prática social.

Para os pensadores positivistas, a libertação social e política passava pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, sob o controle das elites. O positivismo nasceu como filosofia, portanto interrogando-se sobre o real e a ordem existente, mas, ao dar uma resposta ao social, afirmou-se como ideologia.

Segundo o autor, a expressão do positivismo no Brasil inspirou a Velha República e o golpe militar de 1964. Segundo essa ideologia da ordem, o país não seria mais governado pelas “paixões políticas”, mas pela racionalidade dos cientistas desinteressados e eficientes: os tecnocratas.

No Brasil, o positivismo influenciou o primeiro projeto de formação do educador, no final do século passado. O valor dado à ciência no processo pedagógico justificaria maior atenção ao pensamento positivista.⁵

Pensamento Pedagógico Socialista

Foi formado no meio do movimento popular pela democratização do ensino. A concepção socialista da educação se opõe à concepção burguesa, pois propõe uma educação igual para todos.

As idéias socialistas na educação não são recentes, pois não atendem aos interesses dominantes e muitas vezes são relegadas a um plano inferior. Platão já relacionava educação com a política, mas foi o inglês Thomas Morus (1478-1535) quem criticou a sociedade e propôs a abolição da propriedade, a redução da jornada de trabalho para seis horas diárias, a educação laica e a co-educação.

Inspirado em Rousseau, **Graco Babeuf** (1760-1796) queria uma escola pública do tipo único para todos, acusando a educação dominante de se opor aos interesses do povo e de incutir-lhe a sujeição a seu estado de miséria.

Os princípios de uma educação pública socialista foram enunciados por Marx e Engels, porém nunca realizaram uma análise sistemática da escola e da educação. Ambos, em seu *Manifesto do partido comunista*, defendem a educação pública e gratuita para todas as crianças.

Vladimir Ilich Lênin (1870-1924) deu grande importância à educação no processo de transformação social. Como primeiro revolucionário a assumir o controle de um governo, pôs na prática a implantação das idéias socialistas na educação. Acreditava que a educação deveria desempenhar papel importante na construção de uma sociedade e que mesmo a educação burguesa era melhor que a ignorância.

Anatoli Vasilievith Lunatcharski

(1875-1933) foi o verdadeiro responsável por toda a transformação legislativa da escola russa e o criador dos sistemas de ensino primário, superior e profissional socialistas. Instituiu o trabalho como princípio educativo, para ele o mais importante na vida escolar deveria ser o trabalho produtivo, concebido como atividade produtiva socialmente necessária. O trabalho é considerado meio

⁴ Fonte: www.infoescola.com

⁵ Fonte: www.intervox.nce.ufrj.br

pedagógico eficiente quando dentro da escola é planejado e organizado socialmente e levado à diante de forma criativa. Deve ser executado com interesse, sem exercer uma ação violenta sobre a personalidade da criança.

Antonio Gramsci

(1891-1937) afirmou que a coação e a disciplina são necessárias na preparação de uma vida de trabalho, para uma liberdade responsável. O princípio muscular-nervoso seria o fundamento de uma nova concepção de mundo.

A doutrina socialista fundada nas pesquisas de Marx, significa uma construção ética e antropológica, cuja direção é a liberdade. A classe trabalhadora necessita de uma consciência, uma teoria avançada para realizar essa missão histórica. A escola pode ser o espaço indicado para essa elaboração.

Anton Semionovich Marakenko

(1888-1939) propôs a escola única até os 10 anos. Acreditava ainda que o incentivo econômico era importante na motivação dos estudantes para o trabalho e, por isso, defendeu o pagamento de salários pelo trabalho produzido na escola. Para ele, o verdadeiro processo educativo se faz pelo próprio coletivo e não pelo indivíduo que se chama educador. Onde existe o coletivo o educador pode desaparecer, pois o coletivo molda a convivência humana. De acordo com Marakenko, ser educador é uma questão de personalidade e caráter e não de teoria, estudo e aprendizagem.

Lev Semanovich Vygotsky

(1896-1934) trabalhou com crianças com defeitos congênitos, lecionando numa escola de formação de professores. Deu grande importância ao domínio da linguagem na educação, afirmando que a linguagem era o meio pelo qual a criança e os adultos sistematizavam suas percepções. É através da fala que o homem manifesta seus direitos, participa coletivamente da construção de outra sociedade e defende seus pontos de vista.

Mao Tsé-Tung (1893-1976) conseguiu criar a República Popular da China. A China realizou nos anos 60 uma notável revolução Cultural, preservando valores socialistas, como o trabalho manual para todos, a coletivização, a eliminação da oposição cidade - campo e privilégios de classe. Em 1978, quando acabou a revolução os chineses descobriram a beleza da diferença, voltaram-se para conhecer a si mesmo e todo o mundo.⁶

No que se refere as ideias de Marx e Engels sobre educação, Manacorda (1989) afirma *Quanto ao desenvolvimento da teoria pedagógica, o socialismo de Marx e Engels (1848) assume criticamente todas as bandeiras burguesas: universalidade, gratuidade, estatalidade, laicidade, renovação cultural – o que o marxismo acrescenta de próprio além de uma dura crítica à burguesia pela incapacidade de realizar seus programas é a radicalidade dessas propostas e uma nova concepção da relação instrução-trabalho.* (MANACORDA, 1989, p. 296).

Segundo o autor, Marx e Engels não rejeitaram conquistas teóricas e práticas da burguesia no campo da educação, tais como: universalidade, laicidade, estatalidade, gratuidade, renovação cultural. Pelo contrário, assumiram todas elas. Entretanto, ao defenderem as bandeiras burguesas, proferem duras críticas à burguesia pela incapacidade de realizar os seus programas sociais, e propõem a articulação entre ensino e trabalho como estratégia que possibilitaria garantir o atendimento desses princípios. Quanto à defesa de uma articulação mais orgânica da união instrução-trabalho produtivo,

6 Fonte: www.licenciaturageografiauiube.blogspot.com

esta se insere no bojo da proposta de formação humana omnilateral, na qual o trabalho constituirá um complexo com o ensino para “[...] possibilitar o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, em seus aspectos filosófico, científico, literário, intelectual, moral, físico, industrial e cívico, na perspectiva de uma formação total de todos os homens” (LOMBARDI, 2010, p. 330).

Verifica-se que a proposta socialista de educação se propõe a contribuir para a formação de um novo homem – o homem omnilateral em oposição à unilateralidade burguesa. Trata-se de uma educação que deve propiciar aos homens um desenvolvimento integral de todas as suas potencialidades. Para tanto, essa educação deve fazer a combinação da educação intelectual com a produção material, da instrução com os exercícios físicos e destes com o trabalho produtivo. A defesa e o encaminhamento de tal proposta objetiva, a eliminação da diferença entre trabalho manual e intelectual entre “dois mundos”: o mundo dos que formulam, concebem e por isso dominam, e o mundo dos que executam, mas não possuem uma compreensão do processo e por isso são dominados. Tal medida objetiva assegurar a todos os homens uma compreensão integral do processo de produção e consequentemente viabilizar a sua emancipação. Nessa linha de análise, pode-se perceber que o fim da educação atribuído pelo socialismo é diferente daquele atribuído pela sociedade em que vivemos – a capitalista – cuja preocupação atual está dirigida a um processo educativo pautado no desenvolvimento das competências e habilidades necessárias à inserção do indivíduo no mercado consumidor ou, mais especificamente, que atenda às exigências inerentes ao processo produtivo na atual fase do capitalismo.⁷

Pensamento Pedagógico Escola Nova

No Brasil, as idéias da Escola Nova foram inseridas em 1882 por Rui Barbosa (1849-1923). O grande nome do movimento na América foi o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952). John Dewey, filósofo norte americano influenciou a elite brasileira com o movimento da Escola Nova. Para John Dewey a Educação, é uma necessidade social. Por causa dessa necessidade as pessoas devem ser aperfeiçoadas para que se afirme o prosseguimento social, assim sendo, possam dar prosseguimento às suas idéias e conhecimentos.

No século XX, vários educadores se evidenciaram, principalmente após a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. Na década de 30, Getúlio Vargas assume o governo provisório e afirma a um grupo de intelectuais o imperativo pedagógico do qual a revolução reivindicava; esses intelectuais envolvidos pelas idéias de Dewey e Durkheim se aliam e, em 1932 promulgam o Manifesto dos Pioneiros, tendo como principal personagem Fernando de Azevedo. Grandes humanistas e figuras respeitáveis de nossa história pedagógica, podem ser citadas, como por exemplo Lourenço Filho (1897-1970) e Anísio Teixeira (1900-1971).

A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. O escolanovismo desenvolveu-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. O rápido processo de urbanização e a ampliação da cultura cafeeira trouxeram o progresso industrial e econômico para o país, porém, com eles surgiram graves desordens nos aspectos políticos e sociais, ocasionando uma mudança significativa no ponto de vista intelectual brasileiro.

Na essência da ampliação do pensamento liberal no Brasil, propagou-se o ideário escolanovista. O escolanovismo acredita que a educação é o exclusivo elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos

7 Fonte: www.periodicoseletronicos.ufma.br/



O complexo foi enriquecido, ainda na década de 1850, com o jardim planejado e executado pelo paisagista Jean-Baptiste Biot, sob orientação do jovem imperador. O piso do vestibulo, em mármore de Carrara e mármore preto originário da Bélgica, foi colocado em 1854, destacando-se também os assoalhos e as esquadrias em madeiras de lei, como o jacarandá, o cedro, o pau-cetim, o paurosa e o vinhático, procedentes das diversas províncias do Império. Os estuques das salas de jantar, de música, de visitas da imperatriz, de Estado e do quarto de dormir de suas majestades contribuem para dar graça e beleza aos ambientes do Palácio, um dos mais importantes monumentos arquitetônicos do Brasil.



D. Pedro II adorava a sua residência de verão e a cidade que se formou ao redor. Suas prolongadas temporadas em Petrópolis criaram uma atmosfera favorável para a prática de veraneio ou vilegiatura, como se dizia à época, iniciada pelo próprio monarca e pela aristocracia do Império, seguida pelos presidentes e políticos da República e cultivada por muitos até hoje. Com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, houve o banimento da família imperial, que se exilou na Europa. Em dezembro do mesmo ano, a imperatriz d. Teresa Cristina faleceu em Portugal e, dois anos depois, em 1891, d. Pedro II faleceria em Paris. Entre 1893 e 1908, a princesa Isabel, como única herdeira – sua irmã, a princesa Leopoldina, havia falecido em 1871 –, alugou o Palácio de Petrópolis para o Educandário Notre Dame de Sion. Em seguida, entre 1909 e 1939, o Colégio São Vicente de Paulo funcionou no prédio. Nesse período, grande parte do mobiliário e demais objetos foram transferidos de local e de propriedade.

Com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, houve o banimento da família imperial, que se exilou na Europa. Em dezembro do mesmo ano, a imperatriz d. Teresa Cristina faleceu em Portugal e, dois anos depois, em 1891, d. Pedro

II faleceria em Paris. Entre 1893 e 1908, a princesa Isabel, como única herdeira – sua irmã, a princesa Leopoldina, havia falecido em 1871 –, alugou o Palácio de Petrópolis para o Educandário Notre Dame de Sion. Em seguida, entre 1909 e 1939, o Colégio São Vicente de Paulo funcionou no prédio. Nesse período, grande parte do mobiliário e demais objetos foram transferidos de local e de propriedade.

No Colégio São Vicente de Paulo, estudava um apaixonado por História: Alcindo de Azevedo Sodré. Graças a ele, que sonhava com a transformação do seu colégio em um museu histórico, o presidente Getúlio Vargas criou, em 29 de março de 1940, pelo Decreto-Lei nº 2.096, o Museu Imperial.

A partir de então, uma equipe técnica liderada pelo próprio Sodré, que se tornaria o primeiro diretor do Museu, tratou de estudar a história da edificação e localizar peças pertencentes à família imperial em diferentes palácios para ilustrar o século XIX e o dia a dia de membros da dinastia dos Braganças. Importantes 94 colecionadores nacionais juntaram-se ao projeto, doando objetos de interesse histórico e artístico. Como resultado, o Museu Imperial foi inaugurado em 16 de março de 1943, com um significativo acervo de peças relativas ao período imperial brasileiro. Ao longo das últimas sete décadas, acumulou expressivos conjuntos documentais, bibliográficos e de objetos graças a generosas doações de centenas de cidadãos, totalizando um acervo de quase 300 mil itens.

SANTOS-DUMONT E “A ENCANTADA”

Já Alberto Santos Dumont empregou toda sua genialidade na construção, no centro do município, de uma casa de arquitetura única e extremamente funcional. Construída no antigo morro do Encanto em 1918, é um chalé tipo alpino francês. Foi desenhada e planejada por Alberto Santos Dumont para servir de residência de verão e devido à sua localização foi carinhosamente apelidada de “A Encantada”. Atualmente, é importante ponto turístico de Petrópolis.

INDUSTRIA

A primeira fábrica de que se tem notícia foi a fábrica de papel do Barão de Capanema, situada no Meio da Serra, que, já no ano de 1859, “fornecia papel para o Mercantil e o Paraíba, os jornais da época. O primeiro jornal em Petrópolis foi o Mercantil, fundado por Bartolomeu Pereira Sudré.

A fábrica de papel deu lugar a Fábrica de Tecidos Cometa, que possuía inclusive acesso ferroviário para transporte da sua produção. Hoje, suas ruínas se encontram na localidade de Meio da Serra.

Fábrica São Pedro de Alcântara

Situada à margem esquerda do Rio Quitandinha, a Imperial Fábrica de S. Pedro de Alcântara, de fiação e tecidos de algodão, era movida por água represada no mesmo rio.

Os tecidos aí fabricados eram sacos para café, lona para velas, fazendas brancas para roupa de trabalho e muitos outros que substituíam com vantagem os importados da Europa. A fábrica produzia diariamente 3.500 metros de tecidos e possuía era de 120 operários, entre meninos e meninas, mulheres e homens. Em 1867, um grande incêndio destruiu a Imperial Fábrica de S. Pedro de Alcântara.

Companhia Petropolitana

Nos anos de 1873 e 1874, foram fundadas a fábrica da Renânia, e a mesma S. Pedro de Alcântara - e a Companhia Petropolitana, em Cascatinha, que marcaram o rumo têxtil de Petrópolis.

A Companhia Petropolitana tinha à frente um cubano, Sr. Bernardo Caymary. O capital era de mil contos - prodigioso para a época, e possuía 108 teares, 100 operários. Produzia 6.000 metros de pano por dia. Proporcionava assistência social, quando ainda não se falava disso. Atualmente seus galpões abrigam diversas empresas.

Fábrica de tecidos D. Isabel

A Companhia Fábrica de Tecidos D. Isabel foi fundada em 1889. A fábrica recebeu o nome de D. Isabel em homenagem à então princesa Isabel. A fábrica está situada às margens do Rio Palatino, antigo Córrego Seco.

Segundo o escritor Júlio Ambrósio, diferentemente dos estabelecimentos fabris anteriores, a Dona Isabel foi constituída por capitais petropolitanos, tendo imigrantes alemães de Petrópolis como acionistas até a década de 1930.

Fábrica Santa Helena

No início do século, a seda era fabricada pela Fábrica de Tecidos Santa Helena, localizada no bairro Morin. A unidade foi comprada pela Ikinha em 2001, mas o espaço foi fundado em 1894.

Segundo o escritor e professor Norton Ribeiro, ao fim dos anos vinte, Petrópolis já contava com um significativo parque industrial voltado para a produção de tecidos, e alguma tradição com relação à organização de associações. Por meio dos diversos movimentos, fossem estes grevistas ou não, os operários lutavam em favor da melhoria dos salários e de condições de trabalho.

Fábrica Werner

Localizada no bairro Bingen, foi fundada em 1904 por descendentes de alemães e desde então vem produzindo os tecidos mais nobres com a mais alta qualidade.

A Werner possui máquinas importadas e as matérias primas utilizadas são rigorosamente selecionadas. Somente são utilizados os melhores fios e corantes

EVOLUÇÃO POLÍTICO-ECONÔMICA: DA CÂMARA MUNICIPAL À PREFEITURA: OSWALDO CRUZ, O PRIMEIRO PREFEITO. A INDÚSTRIA TÊXTIL: ÁPICE E DECRÉSCIMO. O HOTEL QUITANDINHA, O COMPLEXO HOTELEIRO, OS PALACETES, A VIDA NOS BAIRROS. A II GUERRA MUNDIAL E A PRESENÇA DOS PRACINHAS PETROPOLITANOS: HONRA E GLÓRIA

A Câmara Municipal de Petrópolis tem uma rica história que se mistura com a própria história da cidade. Ao longo de seus 162 anos de existência, desde sua instalação, no dia 17 de junho de 1859 – ainda no período imperial – a Câmara vem sendo o palco da discussão política do município, do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil.

Quando os movimentos para elevar a então freguesia à categoria de cidade surgiram, Petrópolis não tinha nem bem doze anos de existência. Por insistência – entre outros – do tenente-coronel Amaro Emílio da Veiga, o ‘Coronel Veiga’, esse sonho fora concretizado, passando Petrópolis à categoria de cidade a partir de 29 de setembro de 1857, sem mesmo ter sido elevada antes à condição de vila.

Contam os historiadores, que três eleições foram necessárias para que, de fato, se instalasse a primeira Câmara Municipal da história de Petrópolis, em 17 de junho de 1859. Em 22 de novembro de 1857 ocorrera a primeira eleição, anulada mais tarde em

2 de junho de 1858; a segunda eleição deu-se em 7 de setembro daquele mesmo 1858, essa também anulada, em 12 de janeiro de 1859.

Finalmente, em 13 de março de 1859, ocorre a terceira eleição cujo resultado fora respeitado e assim tomariam posse, em 17 de junho de 1859, os primeiros vereadores, 9 dentre os quais, o Comendador Albino José de Siqueira, segundo vereador mais votado que assumira a presidência da Câmara, em substituição ao Coronel Amaro Emílio da Veiga que, por ser militar da ativa, não recebeu autorização do Ministro da Guerra para exercer o cargo para o qual fora eleito.

Assim, os primeiros vereadores de Petrópolis eleitos e empossados foram Albino José de Siqueira, Augusto da Rocha Fragoso, Manoel Francisco de Paula, Manoel Cândido do Nascimento Brito, Ignácio José da Silva e João Baptista da Silva, conforme consta-se dos registros históricos.

Já a eleição da primeira Câmara Municipal do período republicano foi em 30 de junho de 1892 por meio de voto popular. O vereador Antônio Antunes Freire – o mais velho à época – proferiu a frase histórica: “Declaro instalada a Câmara Municipal de Petrópolis”.

Editada a Constituição Fluminense Republicana, em 9 de abril de 1892, a Lei Estadual número um, de 31 de maio seguinte, estabelece as regras para as eleições destinadas ao preenchimento das vagas de vereadores na Câmara Municipal de Petrópolis. À época, também ocorreram eleições diretas para a escolha de juízes de paz no município.

No dia 16 de junho de 1892, na véspera da Câmara Municipal completar os seus 33 anos de existência, ocorreram as primeiras eleições diretas para vereadores do período republicano.

Vale ressaltar que, até 1916, quando foi criada a Prefeitura e Oswaldo Cruz foi nomeado o primeiro prefeito de Petrópolis, a Câmara Municipal fez o papel tanto de Poder Executivo quanto de Legislativo no município. Aquela primeira Câmara Municipal republicana era formada por sete vereadores gerais e cinco distritais (sendo um representante por distrito).

Os sete mais votados foram os seguintes: Hermogênio Pereira da Silva, José Tavares Guerra, Francisco Cunha e Souza, José da Cruz Loureiro Jr, José Christiano Ferdinando Finkennauer, Antônio Antunes Freire e José Henrique Tyne Land. Representando os distritos de Petrópolis, foram eleitos: Domingos Manoel Dias (1º Distrito), Gabriel José Pereira Bastos (2º Distrito), Zózimo da Silva Werneck (3º Distrito), Manoel Pinto da Rocha Cardozo (4º Distrito) e João Werneck (5º Distrito).

Sobre o Palácio Amarelo

A Câmara Municipal de Petrópolis funciona no Palácio Amarelo, patrimônio histórico da cidade de Petrópolis.

